

pura” se corrompe, pois, para a demagogia (p. 251). À luz do tomismo, há a possibilidade de resistência à autoridade no tocante a leis injustas (por flagrante contradição). A resistência dos cidadãos torna-se premente quando há sério risco à ordem social, em analogia ao direito individual de legítima defesa.

O livro conclui elucidando a relação entre o Estado e a Igreja. Sacheri rechaça o laicismo moderno de vertente atea que “levou as nações à apostasia, verificando-se mais uma vez o preciso juízo de Chesterton: ‘Retirai o sobrenatural, só restará o que *não* é natural’” (p. 263).

Nota-se que a tradução é, por vezes, por demais literal. Apenas um exem-

plo: à página 73 utiliza-se o termo “desgraçadamente” (para “desgraciadamente” do espanhol). Bastaria recorrer a traduções abalizadas para perceber o real sentido da expressão original (i.e. “infelizmente”).

Em última análise, o compêndio de artigos de Sacheri é uma ótima introdução à Doutrina Social da Igreja, além de justa homenagem ao filósofo argentino, um verdadeiro mártir na defesa da causa católica em seus valores espirituais e temporais.

Felipe de Azevedo Ramos, EP
(Professor – IFAT)

SILVESTRE VALOR, Juan José. *Con la Mirada puesta en Dios: re-descubriendo la liturgia con Benedicto XVI*. Madrid: Palabra, 2014, 421p. ISBN: 978-84-9061-048-0.

Esse acurado estudo sobre o pensamento litúrgico de Bento XVI veio a lume por ocasião do quinquagésimo aniversário da promulgação da Constituição *Sacrossanctum Concilium*.

O Autor é consultor da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. É licenciado em Direito pela Universidade de Valência e em História da Igreja pela Pontifícia Universidade da Santa Cruz, e Doutor em Liturgia pelo Pontifício Instituto Litúrgico Santo Anselmo (Roma). Sacerdote da Prelatura da Santa Cruz e Opus Dei, foi consultor do Departamento de Celebração Litúrgica do Sumo Pontífi-

ce até o ano de 2013. Atualmente ensina na Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade da Santa Cruz.

Apresentado em elogiosas linhas pelo Card. Antonio Cañizares e por Mons. Guido Marini, o livro é dividido em cinco capítulos, escritos numa linguagem acessível, mas não por isso superficial.

Antes de analisarmos o conteúdo, cabe uma nota sobre a importância do enfoque litúrgico proposto pelo Autor, inspirado no magistério de Bento XVI.

Olhar para Deus. Eis a máxima estampada no título que norteia o estudo da obra, cujo fim não poderia ser senão este. Tampouco outra poderia ter sido a

preocupação do Concílio Vaticano II ao empreender a reforma litúrgica, como meio de atuação em um mundo cada vez mais ateu e secularizado, distante do sagrado e da fé (p. 372).

Nesse sentido, a liturgia foi a solução mais sapiencial oferecida pela Igreja. O Autor recorda as palavras de Pio XII, ao definir o Movimento Litúrgico, no primeiro Congresso Internacional de Liturgia Pastoral de 1956, ou seja, esta reforma seria nada menos que um sinal da Providência Divina para o nosso tempo, uma atuação do Espírito Santo (p. 48).

Silvestre Valor observa que, por vezes, a liturgia é destacada dos rumos indicados pela *Sacrossanctum Concilium*. Muitos são aqueles que, deixando-se influenciar pela heterodoxia, consideram a reforma litúrgica apenas como grande revolução nos textos das celebrações ou nos antigos ritos da Igreja. Mas bem diferente é o magistério da Igreja, a saber: o fim último da reforma foi a renovação das mentalidades, centralizando a vida cristã e a pastoral no Mistério Pascal. Contudo, o Autor alerta, à luz de Bento XVI, a não se reduzir as formas litúrgicas às meras exterioridades (p. 63). João Paulo II ainda ressalta a presença da palavra de Deus na liturgia e esta entendida como epifania da Igreja.

Outro elemento apontado pelo Autor se refere ao alicerce do pensamento litúrgico de Bento XVI, a saber, a Liturgia entendida como escola de oração, na qual rezamos com Cristo ao Pai. É em

união com Cristo e por meio d'Ele que nos dirigimos ao Pai enquanto filhos para assim dizer "Abbá, Pai". Pois bem, "a oração cristã consiste em olhar constantemente e de maneira sempre nova a Cristo" (p. 193-194).

No primeiro capítulo o Autor apresenta de modo sucinto, claro e preciso os princípios fundamentais da *Sacrossanctum Concilium*. Procura desde o início reformular os critérios que norteiam a celebração, consultando os próprios documentos conciliares. Neles se afirma que o culto da Igreja é capaz de orientar os homens para a Cidade futura e restituir a Deus o seu devido e absoluto primado. Além disso, contém em si o dom de modelar a Igreja segundo Cristo, "manifestando ao mundo a fecundidade do encontro com Deus" (p. 45).

Salienta também a íntima relação entre ato litúrgico e vida espiritual, num colóquio de amor e identificação da vontade com o amado, por meio da oração. Ora, o que é a liturgia senão uma atualização da oração de Cristo? E o que é a oração de Cristo senão a sua morte, e a doação de si mesmo ao Pai? (p. 99). É nesse sublime diálogo que a liturgia nos acolhe quando comungamos o Corpo e Sangue de Cristo (p. 107).

O segundo capítulo é dedicado à presença da Palavra de Deus na liturgia. Com efeito, a reforma litúrgica incentivou que a Palavra fosse mais destacada e variada durante as celebrações, de modo que a Verdade do Evangelho nutrisse

cada vez mais os corações dos fiéis (p. 111-112).

Pois bem, esse encontro com a Palavra ocorre precisamente na “casa da Palavra”, isto é a Igreja. Mas a missão da Igreja não se limita a oferecer o acesso à Palavra, mas, sobretudo, a interpretá-la, de acordo com o encargo por Deus outorgado. Ora, tal compreensão não busca apenas comunicar o verdadeiro sentido da Escritura, mas modificar a vida e a conduta dos ouvintes, pois a mensagem cristã não é um ato “informativo”, mas sim “performativo” (p. 134).

Foi nessa perspectiva que a Exortação Apostólica *Verbum Domini* indicou algumas normas para as celebrações, ressaltando o alto significado da proclamação da Palavra. Acentua, nessa linha, o papel do Lecionário, exortando a não substituí-lo por outros textos, por mais que pareça conveniente à comunidade; procura ainda frisar a importância de que as leituras sejam realizadas por fiéis devidamente instruídos e preparados; e, por fim, recorda a relevância da homilia como meio de atualização da Escritura, ressaltando a sua presença e eficácia.

A Liturgia enquanto epifania da Igreja em oração é o tema do terceiro capítulo. A esse propósito, a *Sacrosanctum Concilium* assevera: “Com razão se considera a Liturgia como o exercício da função sacerdotal de Cristo. Nela, os sinais sensíveis significam e, cada um à sua maneira, realizam a santificação dos homens; nela, o Corpo Místico de Jesus

Cristo — cabeça e membros — presta a Deus o culto público integral” (*SC*, cit. in p. 151). Assim, o sujeito da Liturgia é o próprio Cristo que nela renova o seu Mistério Pascal. A Liturgia pode ser entendida como algo preestabelecido, ou seja, não compete a nós mostrar nela “nossa criatividade”. Ou ainda: “a liturgia não é nenhum *show*, não é um teatro, um espetáculo, mas vive a partir do Outro” (Bento XVI, *Luz do mundo*, cit. in p. 156).

Ainda nesse capítulo, o Autor deita um olhar sobre o conceito de união entre Povo de Deus e Corpo de Cristo, expresso na palavra *communio*, que ocorre na Eucaristia (p. 172).

Em seguida, o quarto capítulo é dedicado a descrever as “categorias fundamentais da Reforma Litúrgica”.

O primeiro elemento apontado é a recomendação conciliar no tocante à real participação dos fiéis na Liturgia. Bento XVI ressalta ainda que não compreende bem o que é “participar” quem se preocupa apenas pelas exterioridades. A participação deve ser ativa, inclusive como transposição para a vida cotidiana, com o intuito de modelá-la (p. 207). Ora, isso ocorre na vivência dos mistérios da Paixão, Morte, Ressurreição e Ascensão de Jesus, cujo encontro ocorre precisamente na Eucaristia, centro e ápice do ato litúrgico.

A participação na liturgia está intrinsecamente relacionada com a *ars celebrandi*, ou seja, a arte de celebrar retamente, que é a melhor premissa para a

actuosa participatio. Nesse sentido, compete aos presidentes das celebrações a compenetração de promover sentimentos conformes aos realizados pelo Salvador, celebrando em Cristo e por meio d'Ele, unido a Ele na oração ao Pai, de dentro d'Ele como sujeito da Liturgia, ou ainda *versus Deum per Iesum Christum*, conforme a expressão ratzingeriana.

Por fim, no último capítulo, o Autor procura evidenciar como a reforma litúrgica conciliar não pretendeu romper com a tradição milenar da Igreja, ou mesmo corrigir algum erro (p. 313). Enganam-se, portanto, os que consideram a tradição como algo do passado, olvidando-se de sua força vital própria, capaz por si mesma de orgânico crescimento. Crescer não implica, pois, em perder a identidade, mas desenvolvê-la, sempre observando as leis que sustentam o seu organismo (p. 321). O *aggiornamento* não significa, portanto, ruptura com a tradição, mas sim “vitalidade” (p. 324).

O Autor também aborda a forma extraordinária do Rito Romano, recordando que para Bento XVI não há contradição entre as diferentes edições do *Missale Romanum* ou oposição entre a liturgia renovada e a precedente (p. 332-333).

O desfecho não poderia ter sido melhor escolhido, nas palavras de Bento XVI aos monges de Heiligenkreuz (2007): “Realizai a sagrada liturgia tendo o olhar em Deus, na comunhão dos Santos, da Igreja vivente de todos os lugares e de todos os tempos, para que se torne expressão da beleza e da sublimidade do Deus amigo dos homens!” (p. 389). É nesse olhar que a Igreja se move e seu ministério se torna sempre eficaz.

Eis uma apropriada guia para “olhar a Deus” por intermédio da liturgia, isto é, um verdadeiro prenúncio da visão beatífica.

Felipe Isaac Paschoal Rocha, EP
(Professor – ITTA)